

A criança e a narrativa: a operação de referência no universo da “imaginação criadora”

The child and the narrative: the operation of the referential in the universe of the “creative imagination”

Marlete Sandra Diedrich¹
Ana Carolina Boldori²
Gabriela Golembieski³

DOI: 10.59306/memorare.v10e1202318-29

Resumo: Este artigo trata das referências constituídas na narrativa de uma criança de três anos de idade, durante o período de pandemia de Covid-19, e sua relação com o princípio da “imaginação criadora”. No centro da questão, encontra-se o poder simbólico da linguagem. A proposta tem por objetivo discutir o papel das narrativas na constituição da criança falante, com enfoque na operação enunciativa de referência, e sua relação com o princípio da “imaginação criadora”. O tema é tratado sob o olhar da perspectiva aquisicional enunciativa. Os resultados obtidos permitem afirmar que, por meio de narrativas, a criança pode ocupar o seu lugar de dizer, referindo mundos reais ou imaginários decorrentes de sua “imaginação criadora”.

Palavras-chave: Narrativa. Criança. Enunciação.

Abstract: This article deals with the references constituted in the narrative of a three-year-old child during the period of the Covid-19 pandemic and their relationship with the principle of “creative imagination”. At the heart of the issue is the symbolic power of language. The proposal aims to discuss the role of narratives in the constitution of the speaking child, focus in the enunciative operation of reference and its relationship with the principle of creative imagination. The subject is treated under the focus of the enunciative acquisitional perspective. The results obtained allow us to state that, through narratives, children can take their place of saying, referring to real or imaginary worlds resulting from their “creative imagination”.

Keywords: Memory. Identity. Teaching career.

1 Marlete Sandra Diedrich, Universidade de Passo Fundo, doutora pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Endereço de correspondência: R. Cel. João Vergueiro, 208, Vila Luiza, Passo Fundo - RS, Cep 99072-260, telefone: (54) 999751714, e-mail: marlete@upf.br.

2 Ana Carolina Boldori, é doutoranda na Universidade de Passo Fundo. E-mail: 190493@upf.br.

3 Gabriela Golembieski é mestranda na Universidade de Passo Fundo. E-mail: 174294@upf.br.

1 Palavras introdutórias

De posse da ideia de Bachelard (2009), de que a infância nos permite ser e criar, a temática que abordamos neste artigo se volta para o poder de ser e criar da criança na linguagem. Fazemos isso por meio de uma reflexão derivada de um projeto maior, intitulado A narrativa da criança no contexto da pandemia de Covid-19: deslocamentos no simbólico da linguagem, realizado no período de 2021 a 2023, com apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul - Fapergs. Neste artigo, o qual representa um recorte da investigação realizada no escopo do referido projeto, focalizamos, na narrativa de uma criança na faixa etária de três anos de idade, as referências constituídas durante o período de pandemia de Covid-19, via ato enunciativo de narrar e sua relação com o princípio da “imaginação criadora” (Cf. BENVENISTE, 2020, p. 27). Para tanto, a reflexão destaca o poder simbólico da linguagem. Nosso objetivo, desta feita, é discutir o papel das narrativas na constituição da criança falante, com enfoque na operação enunciativa de referência, aproximando-a da ideia de “imaginação criadora”.

Benveniste (2020) vê o poder simbólico da linguagem como inerente à condição humana e como propriedade importante na trajetória da criança na aquisição de uma língua. Para o autor, a faculdade simbolizante da linguagem comporta o “fundamento da abstração ao mesmo tempo que o princípio da imaginação criadora”. (BENVENISTE, 2020, p. 37). Em Silva, Oliveira e Diedrich (2020), os autores refletem sobre essa questão em sua relação com a configuração de pensamento, uma vez que não há pensamento sem linguagem. Além disso, o conhecimento do mundo é sempre determinado linguisticamente: “a linguagem reproduz o mundo, mas submetendo-o à sua própria organização”. (BENVENISTE, 2020, p. 36). Esse é um ponto-chave em nossa reflexão aqui apresentada, que envolve a concepção de narrativa com a qual estamos trabalhando.

Em nossos estudos, temos nos afastado de conceitos de narrativa calcados na narratologia ou no texto como produto. Nossos trabalhos assumem um olhar para a língua em emprego, o que implica assumirmos a língua como sistema de signos que se atualiza no discurso, de acordo com a visão enunciativa benvenistiana. Sendo assim, não cabem, em nossa concepção, modelos de narrativas, uma vez que, a cada enunciação, compreendida aqui como “colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização” (BENVENISTE, 2023, p. 82), há a possibilidade de atualização das formas e sentidos da língua em uso, o que também, certamente, se aplica à narrativa. A concepção enunciativa, portanto, nos permite derivar o conceito de narrativa dos estudos benvenistianos. Desses estudos, lembramos a seguinte afirmação de Benveniste (2020, p. 37), ao discutir a propriedade simbólica da linguagem e sua relação com o princípio da “imaginação criadora”:

Imaginemos o que seria a tarefa de representar visualmente a ‘criação do mundo’ se fosse possível figurá-la em imagens pintadas, esculpidas ou semelhantes à custa de um trabalho insano; depois vejamos no que se torna a mesma história quando se realiza na narrativa, sucessão de ruídozinhos vocais que se dissipam apenas emitidos, apenas percebidos;

mas toda a alma se exalta com eles, as gerações os repetem e cada vez que a palavra expõe o acontecimento, cada vez o mundo recomeça. Nenhum poder se igualará jamais a esse, que faz tanto com tão pouco. (BENVENISTE, 2020, p. 40, grifos do autor).

Essa passagem do autor, em relação à concepção de língua e linguagem por ele assumida ao longo dos seus trabalhos, permite-nos pensar a narrativa como forma complexa do discurso resultante do ato enunciativo de narrar. (Cf. DIEDRICH, 2022). A narrativa, assim concebida, *reproduz*⁴ o acontecimento, real ou imaginário, e, para isso, concorre a atualização de formas e sentidos da língua em emprego, em situações sempre particulares.

Lembramos que estamos investigando a narrativa da criança que ainda está se constituindo como falante de sua língua materna. Para tanto, abordamos a questão sob o enfoque da perspectiva aquisicional enunciativa⁵ (Cf. SILVA, 2009), segundo a qual, a reflexão em torno da aquisição da língua se dá com o auxílio do seguinte dispositivo teórico-metodológico: (*eu-tu/ele*)-*ELE*, o qual comporta a criança (*eu*), o outro de seu convívio (*tu*), a língua (*ele*) e a cultura (*ELE*).

Nesta perspectiva, três operações ganham destaque para se pensar a instauração da criança em uma língua: a) a **operação de preenchimento de lugar enunciativo**, a qual se volta para a mudança de posição da criança de convocada pelo outro (conjunção *eu-tu*) a convocar o outro (disjunção *eu/tu*); b) a **operação de referência**, a qual, no exercício do discurso, permite que os signos, enquanto entidades conceptuais e genéricas, sejam utilizados como palavras para noções sempre particulares, sendo que esta operação se volta para a passagem vivida pela criança de uma referência mostrada (ancorada na situação de enunciação) para uma referência constituída no discurso (ancorada no próprio discurso); e c) a **operação de inscrição enunciativa da criança na língua-discurso**, para cuja realização concorrem as formas de pessoa, espaço e tempo, por meio das quais a criança estabelece relações enunciativas mais complexas, envolvendo a retomada de eventos passados, a projeção de acontecimentos futuros e, principalmente, a simulação de acontecimentos apenas imaginados. A narrativa é focalizada em relação com a segunda operação, a de referência, no entanto, entendemos que as três operações, em alguma medida, encontram-se relacionadas entre si.

Nesta reflexão, delimitamos o tema com a ilustração de uma narrativa produzida por uma criança durante um período bastante singular da história da humanidade: a pandemia de Covid-19. Sabemos que se trata de um período em que a vida normal foi interrompida e as vivências cotidianas foram marcadas por uma nova configuração, à qual todos nós precisamos nos adaptar. As crianças⁶, no entanto, a seu modo, encontraram maneiras de burlar o isolamento que impedia a

⁴ O prefixo *re-*, na abordagem enunciativa benvenistiana, é altamente significativo, uma vez que envolve a ideia de que a linguagem é uma permanente renovação do dito, jamais uma mera repetição (Cf. Dessons, 2020). Para marcar essa questão, destacamos o prefixo *re-*, neste capítulo, com *itálico*, nas palavras que denotam a ideia de renovação. Acerca do uso do prefixo *re-* por Benveniste, sugerimos a leitura de Oliveira (2022).

⁵ Para saber mais sobre a perspectiva aquisicional enunciativa, sugerimos a leitura de SILVA; OLIVEIRA; DIEDRICH (2020).

⁶ O Projeto de pesquisa do qual derivamos este artigo acompanhou seis crianças de três a seis anos de idade durante a pandemia. Os resultados parciais podem ser vistos em Diedrich (2021) e os resultados finais encontram-se em obra ainda no prelo.

convivência humana, construindo novos mundos via ato enunciativo de narrar.

A questão que nos move nesta investigação passeia, portanto, pelas concepções de narrativa e de aquisição da língua, as quais sustentam o nosso olhar para a “imaginação criadora” da criança, via referências da língua no discurso. Para tanto, organizamos o artigo da seguinte forma: além dessas **Palavras introdutórias**, apresentamos uma seção de caráter mais teórico sobre a criança e o ato enunciativo de narrar, para, na sequência, com o auxílio de uma narrativa produzida no contexto do Projeto de pesquisa referido, discorrermos sobre a operação de referência na narrativa, num misto de fundamentação teórica e desenvolvimento metodológico da investigação. Nesta mesma seção, apresentamos as normas de transcrição por nós usadas em nossas investigações, bem como a concepção de recorte enunciativo com o qual trabalhamos. Por fim, apresentamos nossas considerações finais, as quais apresentam nossa concepção de “imaginação criadora” nos limites da discussão realizada.

2 A criança e o ato enunciativo de narrar

São Dada a propriedade simbólica da linguagem, a criança, em sua trajetória de aquisição da língua materna, vivencia na narrativa a expressão do princípio da “imaginação criadora”, anteriormente referido. Ao criar e *recriar* mundos, reais e imaginários, a criança vivencia, o que afirma Bachelard (2009)⁷, acerca das experimentações livres da infância, as quais permitem à criança transitar entre permanências e efemeridades. No caso da discussão que aqui apresentamos, voltamo-nos para deslocamentos que a criança realiza entre as permanências da língua enquanto sistema e as efemeridades da língua no discurso, com destaque para o ato de narrar. Ou seja, ao mobilizar as formas e os sentidos da língua no ato enunciativo de narrar, a criança se apropria de elementos dados pertencentes a uma língua já constituída, para atualizá-los na singularidade do discurso, da língua em emprego num *aqui-agora*. Com as formas e sentidos atualizados, atualiza-se também o acontecimento na efemeridade do dizer. Certamente esta não é uma característica da narrativa da criança apenas: todo falante, ao narrar eventos reais ou imaginários, vivencia esta apropriação e esta atualização da língua em emprego. No entanto, estamos focalizando a narrativa da criança e não do adulto, porque reconhecemos nas manifestações enunciativas da criança, que ainda está se inserindo na sua língua materna, a permissão para o truncamento, o engano, o vacilo, sem muitas limitações do que e do como dizer, pois, afinal, ela ainda está experimentando o que pode criar com e na língua que a ela se apresenta via relações com o outro de seu convívio.

⁷ Certamente não estamos propondo uma reflexão à luz dos princípios deste filósofo, uma vez que não se trata de nossa área de atuação; no entanto, entendemos ser possível, a partir de sua concepção de infância, pensarmos nas questões aqui postas à luz da perspectiva enunciativa benvenistiana.

O tema da narrativa da criança não é novo. Há décadas tem sido discutido no universo dos estudos da Aquisição da Linguagem⁸. Nos últimos anos, Diedrich (2015) tem se dedicado a refletir sobre a questão a partir da perspectiva aquisicional enunciativa. (Cf. SILVA, 2009). Como já afirmamos, a autora (2021, 2022) definiu a narrativa como uma complexa forma de discurso, pensando-se na complexidade como a característica das unidades formadas por outros elementos, a elas internos e cujo funcionamento é interdependente. Logo, a narrativa pode ser entendida como forma complexa do discurso, porque mobiliza, na sua constituição, outros elementos enunciativos, em que se destacam as relações de tempo e de espaço, as quais têm seu funcionamento atrelado à unidade narrativa. É pela narrativa, portanto, que a criança experiencia a propriedade simbólica da linguagem em, talvez, sua manifestação mais rica: a criação de mundos e, para tanto, vivencia a atualização de formas e sentidos de uma língua na qual ela, criança falante, ainda está em constituição.

A questão ganha contornos ainda mais significativos quando levamos em consideração as condições sociais extremas vividas por toda a humanidade em decorrência da pandemia de Covid-19. Afastadas da escola, dos amigos, de muitos familiares, em especial, os avós, as crianças vivenciaram uma *reinvenção* do mundo à sua volta. Como afirma Carmem Luci da Costa Silva, no Prefácio do Caderno da Exposição (DIEDRICH, 2021, p. 7), derivado do Projeto *A narrativa da criança no contexto da pandemia de Covid-19: deslocamentos no simbólico da linguagem*:

Se a vida estava em risco, a linguagem dava vida a histórias e auxiliava as crianças inscritas no Projeto a viverem e a elaborarem realidades no discurso, por meio das quais estabeleciam trocas intersubjetivas, que garantiam a sua relação com outro(s) para além do espaço de isolamento do convívio em família. A linguagem, assim, possibilitou a essas crianças o convívio coletivo.

É importante salientar que, quando a criança vivencia a contação de histórias, ato que a coloca em situação intermediária entre o mundo real e a ficção, situação possível graças à propriedade simbólica da linguagem, ela experimenta novos modos de mediação da língua com o mundo, ou, com os mundos que ela constrói na e pela linguagem. Quando, à sua volta, habitam dinossauros, princesas, lutadores, amigos imaginários que lhe chegam via relatos literários do outro, via cantigas de DVDs, via som e imagens nas telas, a passagem de ouvinte à contadora de histórias lhe garante um lugar de dizer numa sociedade habituada a narrativas. Dessa forma, a criança transfere sentidos via analogias entre os acontecimentos que marcam o mundo real à sua volta e os acontecimentos imaginados, de tal forma que lhe é possível realizar a “transformação simbólica dos elementos da realidade ou da experiência em *conceitos*” (BENVENISTE, 2020, p. 39, destaque do autor), e é justamente isso que dá vida à “imaginação criadora” e ao mundo da fantasia. Golembieski (2022), ao discutir as construções metafóricas na narrativa da criança, afirma que a mesma realiza

⁸ São referência neste tema os estudos, na França, de François (2004); e, no Brasil, de Perroni (1992). Esses autores, embora focalizem a narrativa da criança, não o fazem na perspectiva por nós assumida em nossos estudos.

determinadas transferências analógicas de sentido, em função das experiências já constituídas na linguagem. Desse modo, as experiências da criança, em sua historicidade na linguagem, permitem a ela estabelecer relações entre formas e sentidos da língua, expressando-os em outras situações enunciativas, com uma nova significação.

Certamente, no centro desta questão, encontra-se a operação de referência, objeto de nosso estudo e do qual trataremos na próxima seção.

3 A criança e a operação de referência

Após a reflexão empreendida acerca da criança e o ato de narrar, voltamo-nos para a operação de referência, conforme apresentada nos estudos de Émile Benveniste, autor que sustenta nossa visão de enunciação. Por meio do ato de narrar, a criança mobiliza as formas e os sentidos da língua, constituindo referências com o outro, com o tu. Na enunciação, segundo Benveniste (2023), a língua mobilizada pelos falantes estabelece determinada relação com o mundo, seja ele real ou imaginário, ou mesmo um misto das duas esferas, o que possibilita ao locutor referir e ao outro correferir. Sendo assim, a referência é uma condição enunciativa que se manifesta pelo poder simbólico da linguagem. Esse poder é próprio do humano, advindo da linguagem que, nos estudos benvenistianos (2020, p. 37, grifo do autor), é definida como uma faculdade, “a faculdade de simbolizar”. É essa faculdade que possibilita à criança estabelecer, no seu discurso, referências ao mundo real ou imaginário.

Ainda conforme Benveniste (2020, p. 144), a frase é “uma unidade completa, que traz ao mesmo tempo sentido e referência: sentido porque é enformada de significação, e referência porque se refere a uma determinada situação.” Os elementos da língua ganham sentido pela referência exercida na frase. Por mais que tais elementos sejam semelhantes aos de um enunciado anterior, a enunciação é sempre nova e implica novos sentidos e referências, como explicitado pelo autor na seguinte afirmação: “Dizer bom dia todos os dias da vida a alguém é cada vez uma reinvenção”. (BENVENISTE, 2023, p. 20).

Oliveira (2022), em importante estudo da operação de referência à luz dos estudos benvenistianos, ajuda-nos a compreender a relação desta operação com o poder simbólico da linguagem e a “imaginação criadora”, raciocínio derivado, principalmente, da leitura do texto *Vista d’olhos sobre o desenvolvimento da linguística*. (BENVENISTE, 2020). Oliveira (2022) afirma que a referência envolve a re-produção do mundo pela linguagem a partir da configuração da forma do pensamento pela estrutura articulada da língua, o que viabiliza a classificação formal, tanto dos objetos quanto dos processos, instituindo, conseqüentemente, a comunicação intersubjetiva e a relação indivíduo-sociedade.

É dessa operação, a referência, que depende o princípio da “imaginação criadora”. Os falantes, assim, constroem o seu dizer à sua maneira, muitas vezes por meio de metáforas e/ou metonímias,

compreendidas aqui como construções dependentes da atualização do discurso e da ação do locutor. Assim, é nas relações de convívio que a criança apreende a língua na qual está imersa e passa a fazer uso dessa língua em narrativas, realidade linguística característica da vida em sociedade. No ato de narrar, a criança estabelece referência com o mundo, à sua maneira, mas esta maneira precisa também ser comum ao outro, a fim de que este possa correferir, de tal forma que, unidos, eu e tu, garantam que os mundos narrados tenham existência na efemeridade das enunciações.

Dito isso, passamos a convocar a criança cuja narrativa ilustra nossa reflexão. Trata-se de Theo, um menino na faixa etária de três anos, o qual reside com os pais e a irmã em zona urbana. Theo vive em um ambiente em que as narrativas se presentificam por meio de histórias literárias, desenhos animados, brincadeiras de faz de conta com a irmã mais velha e, ainda, nas interações com os muitos dinossauros de brinquedo que possui, os quais propiciam o surgimento de acontecimentos inusitados e interessantes.

O recorte enunciativo escolhido para análise evidencia deslocamentos da criança entre formas e sentidos da língua na particularidade do discurso. Não nos atemos às mudanças ocorridas na trajetória de aquisição da língua da criança, uma vez que estamos analisando apenas um recorte. O que nos interessa, na verdade, é discutir os elementos presentes neste recorte capazes de ilustrar o que estamos propondo acerca da operação de referência e sua relação com o princípio da “imaginação criadora”. O dado em questão foi produzido em situação naturalística e registrado em vídeo pelos pais da criança, uma vez que não era possível ter contato com ela naquele momento, devido aos protocolos de segurança em vigor, por causa da pandemia de Covid-19. Por conta disso, os registros em vídeo nos foram enviados por meios digitais e foram transcritos seguindo as normas definidas para o objetivo do projeto de pesquisa em questão, conforme segue:

Quadro 1 - Normas de transcrição

FENÔMENO	CONVENÇÃO
Pausas indicativas de fechamento de período e pausas em geral	Reticências
Entonação ascendente	Letras maiúsculas
Alongamentos vocálicos	Repetição da letra indicativa do fonema alongado
Exclamações e interrogações	Uso dos pontos característicos
Interrupção	Barra

Fonte: Elaborado pelas autoras (2023).

Com base nessas normas, o recorte enunciativo encontra-se organizado nas seguintes partes: Situação, trilha na qual se descreve a cena vivenciada pela criança e pelos demais participantes; Theo, trilha na qual se apresenta a fala da criança; Mãe, trilha na qual se apresenta a

fala da mãe; Corpo, trilha na qual se descrevem aspectos da gestualidade da criança no momento em que ela enuncia; Comentário, o qual compreende informações relevantes para a situação enunciativa.

Recorte Enunciativo

Situação:	Theo, 3 anos, está sentado brincando com os dinossauros, enquanto conversa com a mãe.
Theo	Esse é o mosassauro, ele vai no mercado e compra...
comentário	Mãe dá risada.
Theo	Hum... Ele vai com máscara e tudo mais no mercado
Mãe	Ele vai no mercado de dinossauro?
Theo	Sim ... Ele comprou coisa do trabalho e também... docinho
Mãe	Docinho? Que delícia!
corpo	Theo dá risada.
Theo	É que delícia... Mas não é pra comer agora... porque tem que comer o lanche primeiro.
Mãe	Ah é.
Theo	Ele come/ ele toma água no lan/ no lanche... ele toma ÁGUA pra ele viver no MAR.
Mãe	Ah é essa daí vive no mar.
corpo	Theo aponta para a cauda do dinossauro.
Theo	Tá escrito mosassauro vive no mar.
Mãe	Tá escrito aí?
Theo	Sim ... olha bem direitinho... olha.
Mãe	Humm.
Theo	Tá escrito azul também porque ele é azul... ele vive no mar azul ele pula na água olha.
corpo	Theodoro movimenta o dinossauro para cima, como se ele fosse pular.
Theo	ÃÃÃÃ III come um peixe.
Mãe	Nossa! Como ele pula alto.
Theo	AAA UUU
Mãe	Tá... e ele vai ir passear agora então?
Theo	AA UU
Mãe	Escute
Theo	Quê?
Mãe	Ele vai ir passear agora então?
Theo	Não ... agora não... porque tá de noite no Jurassic World.
Mãe	No Jurassic World de noite é perigoso né?
Theo	De noite fica escuro e ele fica assustado eu acho que ele é um fantasma.
comentário	Mãe dá risada.
Theo	Porque fica muito escuro
Mãe	Éé ... tchau dinossauro então bom passeio pra você.
comentário	Theodoro coloca o dinossauro em cima do caminhão de bombeiro de brinquedo.
Theodoro	Ele tá dormindo em cima do caminhão de bombeiro.
Mãe	Ãã

A criança Theo (eu) narra para a mãe (tu) o universo fantástico imaginário em que o “mosassauro” vive. O universo de narrativas de Theo é composto pelas personagens dinossauros, as quais habitam seu cotidiano na linguagem, via filmes e livros com essa temática. Ao narrar, Theo convoca a mãe para enunciar, evidenciando-se a operação de preenchimento de lugar enunciativo, mais especificamente, a disjunção eu/tu, uma vez que a criança passa a convocar o outro, deixando de ser apenas convocada. É a criança a contadora da história e a mãe a sua ouvinte. As intervenções que a mãe faz são todas dependentes do fio narrativo que Theo vai mobilizando em seu discurso. No centro desta experiência, dão-se a conhecer as funções inter-humanas do discurso. Através de frases assertivas, como em “ele comprou coisa do trabalho e também docinho”; interrogativas: “tá escrito aí?” e outras de caráter imperativo: “não agora não porque tá de noite no Jurassic World”, constitui-se a narrativa.

A mãe conhece o universo imaginário que Theo enuncia pela referência instaurada no discurso: ele narra o que acontecerá, o que a personagem dinossauro fará e o que não fará, assim como o que está escrito na cauda do dinossauro⁹. A criança institui na sua narrativa elementos advindos do mundo real, como, por exemplo: a) as prescrições ligadas aos hábitos alimentares, característica dos ambientes familiares: “não é pra comer agora porque tem que comer o lanche primeiro”, ao referir que o mosassauro iria comprar “docinho”; b) o uso da máscara pelo dinossauro: “esse é o mosassauro ele vai no mercado e compra”, “hum ele vai com máscara e tudo mais no mercado”, numa referência à medida de proteção obrigatória durante a pandemia de Covid-19. Realiza-se, assim, o que entendemos como transferência: a criança transfere referências do mundo real, construídas em discursos anteriores no seu grupo de convívio, para o mundo imaginado, o que torna possível a representação e a recriação de realidades. Vemos, nessas referências, construções de natureza metonímica: as prescrições sobre a hora de comer ou não comer doce figurativizam as relações orientativas entre pais e filhos; já a máscara, um elemento do quadro pandêmico, talvez o mais visível e concreto para a criança, figurativiza a realidade vivenciada pelas famílias na pandemia e, justamente por isso, comparece

⁹ A relação da criança com a língua em sua manifestação escrita não será aqui abordada dada a sua complexidade. Acerca deste tema, sugerimos a leitura de Oliveira (2022).

também no mundo fantástico de Theo com seus dinossauros.

Mas a complexidade narrativa não para nestas figuras. Ao ser questionado pela mãe acerca da possibilidade de o dinossauro ir passear naquele momento, Theo responde: “não ... agora não... porque tá de noite no Jurassic World”, então a mãe questiona: “de noite é perigoso né?”, e o menino afirma: “de noite fica escuro e ele fica assustado eu acho que ele é um fantasma”, “porque fica muito escuro”. Percebemos que o ato enunciativo de narrar da criança se valeu de elementos do mundo físico e real, como a máscara, estabelecendo referências com tais elementos (operação de referência), e isso não se limitou a eles: esses elementos atuam como desencadeadores do mundo imaginário narrado pela criança e compõem na narrativa como elementos do discurso, no simbólico da linguagem que institui novas relações intersubjetivas e novas referências na mobilização das formas e sentidos da língua no discurso. Theo cria, em sua narrativa, um universo fantástico, dando vida ao que, segundo os princípios benvenistianos, são chamados de “imaginação criadora”. A criação de universos imaginários possibilita aos dinossauros irem ao mercado, usarem máscara, comprarem coisas do trabalho e docinho, tomarem água no lanche, ficarem assustados com o escuro da noite. Com isso, destaca-se a operação de inscrição enunciativa da criança na língua-discurso, por meio da qual a criança estabelece relações enunciativas complexas, como a simulação de acontecimentos apenas imaginados.

Esses são os deslocamentos da criança entre formas e sentidos da língua no discurso e que, na narrativa, acabam por atualizar acontecimentos na linha tênue entre realidade e imaginação. Não se trata, de forma alguma, de precisarmos o quanto há de cada uma dessas instâncias na narrativa de Theo, mas de percebermos que, na relação com o outro e com a língua, a criança transforma a experiência vivida em conceitos ressignificados a cada narrativa.

Considerações finais

No decorrer deste artigo, tecemos um percurso teórico-metodológico para contemplar o que foi proposto no objetivo: discutir o papel das narrativas na constituição da criança falante, com enfoque na operação enunciativa de referência, e sua relação com o “princípio da

imaginação criadora”. A reflexão realizada nos limites da perspectiva aquisicional enunciativa, e ilustrada com um dado de fala de uma criança de 3 anos de idade, permite-nos chegar às seguintes considerações finais:

1º- Ao narrar, a criança passa de convocada pelo outro a convocar o outro (**operação de preenchimento de lugar enunciativo**), estabelece relações com o mundo real ou imaginário (**operação de referência**) e possibilita que se manifestem na língua-discurso acontecimentos apenas imaginados (**operação de inscrição enunciativa da criança na língua-discurso**).

2º- A “imaginação criadora” se dá a conhecer nas construções metonímicas do ato de narrar. No recorte enunciativo analisado, a criança se vale de elementos metonímicos, com destaque para a máscara, a fim de transferir formas e sentidos advindos de experiências enunciativas no mundo real para o mundo imaginário de suas narrativas.

Quando investigamos o papel das narrativas na constituição da criança falante com enfoque na operação enunciativa de referência e sua relação com o princípio da “imaginação criadora”, damos conta de que “o homem não dispõe de nenhum outro meio de viver o ‘agora’ e de torná-lo atual senão realizando-o pela inserção do discurso no mundo”. (BENVENISTE, 2023, p. 85, destaque do autor). Por meio de narrativas, a criança pode ocupar o seu lugar de dizer, referindo mundos reais ou imaginários decorrentes de sua “imaginação criadora”.

Referências

- BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 3. ed., 2009.
- BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral I**. Trad. de Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. 6. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020.
- BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral II**. Trad. de Eduardo Guimarães *et al.* 3. ed. Campinas, SP: Pontes, 2023.
- DESSONS, Gérard. **Émile Benveniste, l'invention du discours**. Paris: Éditions in Press, 2006.
- DIEDRICH, Marlete Sandra. A criança e suas narrativas: a experiência constituída nos ruídozinhos vocais. In: OLIVEIRA, Giovane Fernandes; ARESI, Fábio (org.). **O universo benvenistiano: enunciação, sociedade, semiologia**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2020. p. 204-220.
- DIEDRICH, Marlete Sandra. O ato enunciativo de narrar: a constituição do indivíduo na sociedade. In: ROSÁRIO, Heloisa Monteiro; HOFF, Sara Luiza; FLORES, Valdir do Nascimento (org.). **Leituras de Émile Benveniste** [recurso eletrônico]: estudos sobre literatura brasileira moderna. Porto Alegre: Zouk, 2022. 212 p.
- FRANÇOIS, Frédéric. **Enfants et récits: mises en mots et “reste”**. Paris: Presses universitaires du Septentrion, 2004.
- GOLEMBIESKI, Gabriela. Construções metafóricas na narrativa da criança: o caso do limpador de para-brisa dos trens. **Cadernos de Linguística**, [S. l.], v. 3, n. 1, p. e619, 2022. Disponível em:

<<https://cadernos.abralin.org/index.php/cadernos/article/view/619>>.

Acesso em: 01 jul. 2023.

OLIVEIRA, Giovane Fernandes. **O problema da referência em Émile Benveniste**. 2022. 1. ed. Curitiba: Appris, 2022.

OLIVEIRA, Giovane Fernandes. **Do homo loquens ao homo loquensscriptor: por uma perspectiva semiológico-enunciativa da aquisição da escrita**. Tese (doutorado), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, 2022. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/257970/001168408.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 30 jun. 2023.

PERRONI, Maria Cecília. **O desenvolvimento do discurso narrativo**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

SILVA, Carmem Luci da Costa. **A criança na linguagem: enunciação e aquisição**. 1. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2009.

SILVA, Carmem Luci da Costa; OLIVEIRA, Giovane; DIEDRICH, Marlete Sandra. A teoria da linguagem de Émile Benveniste: uma abertura para os estudos em aquisição da linguagem. **Fragmentum**. Santa Maria, n. 56, p. 259-280, jul./dez. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/fragmentum/article/view/47445>. Acesso em 01 jul. 2023.

DATA DE ENVIO: 15 de julho de 2021 | DATA DE APROVAÇÃO: 31 de agosto de 2023